

A arte como espaço de FronteiraAção – aproximação e separação dos múltiplos atravessamentos contemporâneos¹

Art as space of *borderAction* – approach and separation of multiple contemporary crossings

Marcos Antônio Bessa-Oliveira

Pós-Doutorando em Estudos de Linguagens – FAALC/UFMS, Doutor em Artes
Visuais. Professor na Graduação em Artes Cênicas e no PROFEDUC – UEMS.
E-mail: marcosbessa2001@gmail.com.

Resumo: A proposta basilar deste artigo recai na necessidade de discutir a emergência de fronteiras nas produções culturais periféricas de uma visada epistemológica *a partir* dos locais geoistóricos, no tocante aos *lóci* das produções, do *lócus* de onde o intelectual erige seu discurso crítico e, mais, neste corpo biográfico do sujeito que estuda. Digo: uma discussão epistêmica *biogeográfica* fronteiriça como “método” que barra a emergência de epistemologias migradas/migrantes para os territórios fronteiriços, esses vistos da exterioridade. Para tanto, evidencio a presença de uma “epistemologia fronteriza” como modos de *ser* teórico, crítico, artístico, discursivo e cultural

Abstract: The basic proposal of this article is the need to discuss the emergence of boundaries in the peripheral cultural productions of an epistemological view *from* the geo-historical sites, regarding the *loci* of productions, the *locus from* which the intellectual erects his critical discourse and, more, in this biographical body of the subject who studies. I mean: a border *biogeographic* epistemic discussion as a “method” that bars the emergence of migrated/migrants epistemologies to the border territories, these visas from abroad. To this end, I highlight the presence of a “frontier epistemology” as theoretical, critical, artistic, discursive and cultural ways of being through

¹ Este texto está vinculado a um Projeto de Pesquisa Maior em desenvolvimento como Pesquisa de Pós-Doutoramento na FAALC-UFMS que investiga uma perspectiva *outra* da História da Arte Latino-Americana. Aquele Projeto está vinculado à pesquisa maior em desenvolvimento desde 2006 intitulada “Arte e Cultura na *Frontera*: “Paisagens” Artísticas em Cena nas “Práticas Culturais” Sul-Mato-Grossenses” cadastrada na PROPP/UMES.

por meio das histórias locais por fora dos *projetos globais*. Gloria Anzaldúa defendeu a epistemologia *fronteriza* entendendo que esta permite ao crítico periférico pensar a partir da fronteira por saberes/fazerem não contemplados pelo discurso moderno da *sapientia*. Acercado disso, objetiva-se inquirir neste artigo uma única epistemologia que encampe as relações diferenciais das produções culturais e sujeitos brasileiros e latinos para, em fim, propor um espaço transcultural saudável de desobediência epistêmico-conceitual que o presente migratório crítico demanda.

Palavras-chave: Arte; Cultura; Migrações; Fronteiras; *Biogeografias*.

local histories outside of *global projects*. Gloria Anzaldúa defended the *frontier* epistemology understanding that it allows the peripheral critic to think from the frontier for know/do not contemplated by the modern discourse of *wisdom*. Approaching this, we aim to inquire in this article a single epistemology that directs the differential relations of cultural productions and Brazilian and Latin subjects to, finally, propose a healthy transcultural space of epistemic-conceptual disobedience that the present critical migratory demands.

Keywords: Art; Culture; Migration; Borders; *Biogeographies*.

Introdução – fronteira como lugar de aproximação e de separação

Na contemporaneidade os atravessamentos culturais estão ocorrendo no contexto global *desgrassados* pelas demandas mais diferentes: política, religiosa, econômica ou cultural. Igualmente as migrações culturais de indivíduos dos mais diferentes pontos de partida, para os vários lugares de “chegada”, estão ocorrendo por desventuras não diferentes daqueles atravessamentos. Político, religiosa, econômico ou cultural, os povos estão em trânsitos em todos os Continentes, de diferentes lados para outros e em situações das mais diversas. Da mesma forma, no caso do Brasil, até em alguns contextos acadêmicos mesmo latino-americanos, os conhecimentos também migraram e continuam migrando para cá desde a emergência do “[...] *padrão colonial do poder* no alvorecer do século XVI com a conquista das Américas” (MIGNOLO, 2015: 11).

Logo, é possível dizer que em contextos latinos raras foram ou são as vezes que tivemos/temos a emergência de epistemologias que considerem as diferenças coloniais – os contextos *fronterizos* de exterioridade – de arte, de cultura e de produção de conhecimentos periféricos para compreensão da fronteira como espaço de aproximação e de separação, ao mesmo tempo, das diferenças. “Há alguns anos, o fim das fronteiras foi profetizado. Houve aqueles que celebraram seu inexorável “apagamento” com a chegada da globalização. No entanto, as fronteiras estão de vol-

ta e trazem consigo a diferença colonial” (MIGNOLO, 2015: 12). Do mesmo modo, por conseguinte, as migrações teóricas, culturais, de sujeitos ou de culturas e até de arte ocorrem dentro dessas fronteiras instaladas, portanto, a partir das mesmas demandas já suscitadas aqui via aos aspectos: político, religiosa, econômico ou cultural que sustentam a atuação colonial ainda na contemporaneidade.

Dessa forma, é possível dizer da arte, neste contexto de atravessamentos, também como espaço que tem emergência de fronteiras: na política por meio dos novos impedimentos à ANCINE², por exemplo, na economia que veta recursos aos sistemas de exposição de arte e de cultura, mas também na educação e na própria sociedade civil que têm na arte um lugar de deformação das ideologias político-partidárias em evidência. Nestes casos, a arte da perspectiva que se quer aqui tratada deve ser observada como uma FronteirAção que promova a aproximação entre os seus para impedir que os muros erguidos sejam usados como artifícios do estado-nação, das corporações privadas e da sociedade ideológica com objetos de separação dos múltiplos atravessamentos contemporâneos tão importantes para a produção cultural de uma nação.

Quer dizer, instalou-se nas culturas de exterioridade, também desde a colonização brasileira, por exemplo, a manutenção da colonialidade do poder que reforça a conservação da colonialidade inaugurada no século XVI ainda que supostamente desvinculados da situação de colonização. Faz-se a manutenção na contemporaneidade de um imaginário colonial moderno europeu, reforçado por uma globalização/desenvolvimento estadunidense, através da colonialidade do poder instaurada em contextos geográficos – territoriais – latino-americanos que *re*-forçam os limites da manutenção de um padrão de arte, de cultura e de conhecimentos. Mas as “fronteiras interrogam limites. Aberturas borram limites que se transformam em territórios de contato” (HISSA, 2007: 4). Portanto, fronteira, neste contexto de discussão, torna-se espaço de aproximAção e de separAção = fronteirAção ao mesmo tempo porque é também no território que as memórias transitam promovendo diferentes contatos.

Entendida dessa lógica dupla e não binária, a fronteira é tanto espaço que distancia como o é ambiente de aproximação das diferenças (culturais e coloniais) que entram em contato. Sejam essas diferenças emergentes dos lugares em situação *entre*-fronteiras, sejam dos sujeitos e/ou teorias que migram dos diferentes lugares (territórios) para espaços *outros* se colocando em circulAção. Desta ótica, igualmente, os trânsitos dessas culturas e sujeitos não são de toda má sorte! Lógico, se consideramos as fronteiras como lugar de (des)encontros onde se estabelecem os

² ANCINE – Agência Nacional do Cinema – <https://www.ancine.gov.br>.

contatos entre as diferenças desses sujeitos que transitam. Entretanto, abordada apenas da incoerência da separação, as migrações estabelecem ainda mais hierarquias para os que chegam aos espaços “estranhos”: internos ou externos à modernidade das diferenças. Pois, “em todos esses casos, a “cultura secundária” é aquela fabricada como “diferença colonial”, na medida em que o conhecimento imperial é o que estabelece as regras do jogo e das hierarquias” (MIGNOLO, 2015: 313). Portanto, é a colonialidade que persiste como fronteira entre as diferenças que se esbarram na zona de contato: entre uma cultura que (não) recebe e uma diferença colonial que chega.

Igualmente neste sentido é possível dizer que compreender a migração como algo isolado, sem ser um acontecimento que se dá no “entre-lugar” da fronteira, é incorrer no binarismo de ver o sujeito que migra carregando todas as suas experiências e vivências, por conseguinte com todas as suas práticas artístico-culturais, como aquele que deve ser barrado/impedido de “entrar” aonde chega. Quer dizer: abrir-se para a compreensão da fronteira como lugar também de acontecimento e emergência de arte, de cultura e de produção de conhecimentos, é estar além dos binarismos estabelecidos pela lógica cartesiana, “penso, logo êxito”, de ver o mundo ainda na contemporaneidade. Portanto, a *expertise* deste trabalho está em fazer evidenciar a fronteira como espaço de ação que além de provocar separações também evidencia aproximações onde os discursos impositivos e academistas ainda insistem por separação dos múltiplos atravessamentos sociais, político, econômicos e culturais.

Estar no “além”, portanto, é habitar um espaço intermédio, como qualquer dicionário lhe dirá. Mas residir “no além” é ainda, como demonstrei, ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao presente para redescrever nossa contemporaneidade cultural; reinscrever nossa comunalidade humana, histórica; *tocar o futuro em seu lado de cá*. Nesse sentido, então, o espaço intermédio “além” torna-se um espaço de intervenção no aqui e no agora. Lidar com tal invenção e intervenção, [...], requer uma noção do novo que sintoniza com a estética híbrida [...] (BHABHA, 1998: 27).

Assim, a fim de debater a constituição de “paisagens” *biogeográficas* descoloniais, em relação aos sujeitos que migram para/nos lugares exteriores às suas interioridades – geohistórico-culturais –, para evidenciar em que medida esses indivíduos que migram estão se constituindo como sujeitos nos lugares que chegam, os debates neste trabalho estarão circunstanciados na necessidade de tratar criticamente das produções artístico-culturais que tratam desses que transitam entre essas fronteiras igualmente migrantes. Já que essas últimas se estabelecem onde o um chega e depara-se com o Outro que é o Eu que forjou o conceito de outro para

o um (migrante malquisto)³. As discussões estarão para uma visada epistemológica específica que se dá *a partir* dos locais geostóricos de exterioridade. Nunca *sobre* as exterioridades à interioridade moderna e pós-moderna (NOLASCO, 2019). Esta discussão, posta, se dá tanto no tocante aos *lóci* das próprias produções culturais que transladam os territórios, quanto do *lócus* de onde o intelectual erige seu discurso crítico e, do mesmo modo, ancora-se na inscrição desse sujeito enquanto corpo que tem trave(r)ssadas⁴ todas essas questões, compreendidas sempre em circulação, por isso em fronteira de situação.

Pois, em toda a sua crítica pós-ocidental, o intelectual argentino Walter Dignolo conchama a presença de uma “epistemologia fronteriza” para mostrar que, somente por meio dela, pode-se propor uma reorganização da produção do conhecimento e, por conseguinte, dos modos de ler teórico, crítico, artístico, discursivo e culturalmente toda essa produção erigida “entre” fronteiras; uma vez que qualquer reflexão assentada numa “epistemologia fronteriza” encampa as histórias locais (subalternas), encontrando, assim, seu lugar no conhecimento por fora dos projetos globais hegemônicos. “Em outros momentos elaborei as noções de “pensamento fronteiriço” e “gnose fronteiriça” para descrever a epistemologia que emerge da apropriação subalterna da epistemologia hegemônica ocidental” (MIGNOLO, 2015: 356). Por estar ancorada em uma consciência subalterna e no *bios* (corpo) e em locais dos sujeitos, uma epistemologia *fronteriza* arquiteta-se para além dos binarismos que imperaram nos discursos hegemônicos que, quase sempre, tomaram as produções culturais humanas (arte, literatura, discurso e a própria cultura periférica) como objetivações abstratas (corpo = coisa) passíveis de análises, puro e simplesmente, como se todas elas não produzissem seu próprio saber.

³ Sobre a invenção do conceito de Outro cabe uma leitura do ensaio “Desafios decoloniais hoje” (2017) de Walter Dignolo em que o autor faz uma abordagem bastante elucidativa desta e de outras questões acerca do pensamento fronteiriço como epistemologia descolonial.

⁴ Essa ideia está vinculada à noção de que as coisas não nos atravessam exclusivamente. Ou seja, entendendo como atrave(r)ssamento às coisas que nos entram em contato com o corpo, a memória, a história, nossa subjetividade é possível dizer que tudo isso, quando do contato com o diferente (nós ou outra pessoa qualquer) faz também produção de sentidos outros e múltiplos. Assim, atrave(r)ssar está para a ideia de que uma coisa que nos “atinge” - nossas subjetividades -, essas, por sua vez, também fazem produzir uma narrativa outra, por isso versa de falar ainda que grafado aqui com dois “ss” para não retirar o sentido também de atravessamento. Pois, há ai também um atravessamento do que é da ordem de outros sentidos que nos chegam, mas, do mesmo modo, haverá a produção de sentidos novos graças às nossas subjetividades. Atravessar e atrave(r)ssar também podem ter sentido de se “ver” algo que “atravessa” e “versa” sem pedir licença para fazê-los; algo que tem no seu sentido de atravessar e versar um apelo de perversidade, como algo que nos contata (o “outro” em contato conosco) a fim de fazer o mal, mas também quem sabe um mal que acaba por fazer um bem; pode ser algo que provoca a atração do que está de dentro do corpo/subjetividade para vir para fora, exposição, por exemplo, de sensações camufladas; atravessar e atrave(r)ssar podem ser também inverter já que uma coisa que nos contata é transformada e tornada outra; por que não então poderia ser a segunda o inverso da primeira!

Desse prisma, a epistemologia *fronteriza* defendida por Mignolo possibilita, por exemplo, perceber como as culturas das diferenças coloniais estão recebendo, melhor ou pior, os indivíduos que migram e as teorias itinerantes (MIGNOLO) em contextos de exterioridade. Recebendo uma vez que esses que migram vêm acerca-dos de todas as suas experiências, mas ocupam primeiro um lugar de exterioridade nesses lugares que chegam. Pois, também Gloria Anzaldúa já defendeu tal noção de uma epistemologia *fronteriza*, sobretudo por entender que somente ela permite ao crítico periférico pensar e construir pensamentos a partir dos interstícios dos discursos dos sujeitos e das produções não contemplados pelo discurso moderno da *sapientia*. Agora, nesta abordagem aqui em evidência, dos sujeitos em situação de migração para o *entre-fronteiras*⁵ nos espaços de exterioridades ao pensamento hegemônico moderno e pós-moderno. Nesse sentido, o livro *Bordelands\la frontera: the new mestiza* (2007) representa mais do que a produção de um contradiscurso e o começo laborioso da construção “de um nuevo léxico y unas nuevas gramáticas”; significa a proposição de um argumento discursivo *outro* que, ao seu modo, barra a razão do discurso imperial moderno e sua visada estética *monotópica* (MIGNOLO). Por conseguinte, é um contradiscurso que emerge da situação (trânsito) da fronteira.

Por certo, é emergencial compreender que a arte como espaço de Fronteiração – aproximação e separação dos múltiplos atravessamentos contemporâneos – é fazer evidenciar uma episteme que corre por fora dos discursos acadêmicos disciplinares, binários e modernos ou pós-modernos, que encampam as práticas de arte, das culturas das diferenças que no máximo promovem saberes e não conhecimentos como a ciência, rotulados como marginais, viajantes importunos ou meras práticas laborais. Logo, buscar por um método de razão moderna nesta construção epistemológica *biogeográfica* *fronteiriça* que não quer dissecar um objeto de análise é incorrer no gravíssimo erro de fazer continuar valendo a ciência das humanidades de observação como sapiência e verdade absoluta.

Diferentemente também da pesquisa, ou crítica moderna, o pesquisador, o crítico, jamais seria o método, apesar de sua presença encenada em sua teorização, poden-

⁵ Quer-se entendido dessa ideia de *entre-fronteiras* um lugar outro. Um lugar que está posto pelo imaginário moderno europeu que consagrou todos os outros lugares diferentes da Europa como lugar em estado de fronteira. Assim, a migração de sujeitos da diferença colonial de lugares de fronteiras para determinados lugares outros, caso ilustrativo dos Venezuelanos para o Brasil, por exemplo, é se colocar em estado-de-fronteira igualmente, já que este ou aqueles lugares são marginalizados em relação ao contexto do global de referência. Não diferente, a ideia de migrar para os centros do pensamento hegemônico – europeu ou estadunidense – persiste também a emergência de fronteiras daqueles que migram das fronteiras colonizadas em relação aos que (não) recebem para fazer erigir fronteiras outras dentro dos contextos desses últimos.

do ser esta, sim, em parte um **método**, já que tal teorização biográfica fronteiriça descolonial não é antecedida por teorias, nem muito menos por disciplinas (NO-LASCO, 2019: 7). (Grifo do autor)

Então, já que me valho da emergência de fronteiras entre as relações culturais e das diferenças coloniais, acercado dos conceitos mencionados — periferia, epistemologia *fronteriza*, migração, espaços, territórios, *biogeografias* e outros advindos da discussão crítica contemporânea sobre a América do Sul como “opção descolonial” e “identidade *em política*” — este trabalho visa a discussão proposta de pensar a arte erigida nos lugares de exterioridades, das transculturações⁶ entre os sujeitos e teorias que migram, como espaço de FronteirAção, para pensá-la como aproximação e separação dos múltiplos atravessamentos na contemporaneidade. Portanto, além da preocupação maior de inquirir a respeito de uma epistemologia única (moderna) que encampe as relações diferenciais específicas das produções culturais brasileiras e latinas, preocupo-me, ainda, com os trânsitos culturais e as relações (político, religiosa, econômico ou cultural) entre as diferenças coloniais pensadas *a partir de*.

A partir dessa tensão na fronteira, surge a epistemologia das fronteiras e a opção descolonial, que é a ideia com base na qual eu organizo o que penso e como penso a respeito. Agora, o que eu faço, eu não faço à maneira de um cientista que estuda o pensamento descolonial, mas que não pensa descolonialmente, mas sociologicamente, historicamente ou filosoficamente (isto é, ele “analisa” o pensamento descolonial dentro da estrutura da disciplina filosófica) (MIGNOLO, 2015: 82)

Quer dizer, a tentação estratégica para o trabalho de natureza descolonial *biogeográfica* fronteiriça que estou empreendendo está na “desobediência epistêmica” ao sistema de categorização disciplinar moderno das diferenças: não é deslegitimar as ideias críticas europeias, e nem muito menos se ofender quando deixa de venerar os autores canônicos eurocêntricos, assim “como os religiosos o fazem com os textos sagrados” (MIGNOLO, 2007: 289); igualmente não está em fechar-se para os trânsitos biográficos que ocorrem na contemporaneidade. Logo, a saída da “opção descolonial” está exatamente quando *ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento* dos próprios conceitos que se

⁶ Deve ficar evidente que o conceito de *transculturação* é compreendido a partir da lógica que promove os atravessamentos tanto nos sujeitos que são os supostos outros (migrantes) tanto quanto aos indivíduos que se veem como o Eu (aqueles que “recebem” os viajantes). Do mesmo modo, transcultural não encampa exclusivamente a ideia de identidades, mas igualmente e mais ainda as práticas artístico culturais, as políticas, o direito e a democracia em relação àqueles(as) “coisas” (teorias, artes, culturas e conhecimentos) que viajam.

colocação aqui em discussão. Aliás, é precisamente aí que ela é epistêmica. Parece restar, então, aos trabalhos críticos que não têm medo do perigo e abominam a repetição pela repetição conceitual nos trópicos latinos, *aprender a desaprender* para *re-aprender* de outra forma (PALERMO, 2014). Comumente, estou propondo um espaço saudável de articulação da arte, da cultura e dos conhecimentos que transculturam/transitam promovendo a desobediência epistêmico-conceitual de arte, cultura e conhecimentos modernos que o presente crítico e artístico-cultural das diferenças coloniais demandam.

Essas argumentações, por uma questão óbvia, estarão assentadas em uma discussão epistêmica *biogeográfica* fronteiriça que se consolida como um “método” — ou talvez fosse melhor dizer como um *contramétodo* — que trabalha para barrar a emergência de epistemologias migradas/migrantes para os territórios em situação *entre-(espaços)fronteiriços*, esses vistos como lugares da exterioridade. Logo, “[...] a epistemologia fronteiriça, antes de ser tomada como um campo de estudo, deve ser compreendida como um *lócus* de enunciação fronteiriço crítico por excelência” (NOLASCO, 2017: 70). Pois, a exterioridade está contemplando os muitos espaços geográficos que não são considerados como lugares que fazem emergir arte, cultura e conhecimentos a partir dos corpos dos próprios sujeitos situados em seus *lóci* de enunciação. Do mesmo jeito, serão tomadas as relações identitárias que se constituem para os sujeitos que migram para esses lugares e, por último, das paisagens que se consolidam nesses lugares desses sujeitos.

Por isso, as argumentações aqui sobre fronteira, arte, cultura, imigrações, políticas, direitos, democracia, entre as outras coisas que surgirem estarão em contraponto de discussões às adversidades impostas aos discursos que defendem visões binárias sobre essas questões. Explico: fronteirais exclusivamente como lugar de separação; arte baseada na lógica renascentista de produção artística; cultura grafada e percebida ainda na ideia de Altas ou baixas culturas; imigração unicamente como condição de exteriorização como se aqueles não fossem também produtores de arte, de cultura e de conhecimentos mesmo que os carregando nas costas; e já política, democracia e outras coisas mais estarão ancorados na “opção descolonial” e nas articulações sobre “*identidade em política*” a fim de evidenciar que esses estão, no caso do Brasil, muito mais agora, e em muitos lugares na América Latina e até no Planeta baseados em lógicas político-partidárias que não contemplam as diferenças culturais e menos ainda as diferenças coloniais.

A construção de espaços e fronteiras através/de/em migrações

[...], torna-se tarefa impossível conservar, na atualidade, posições radicais contra

os desmandos da teoria e o descontrole dos paradigmas de referência. O mundo mudou, nos últimos dez anos, de forma assustadora (para o bem ou para o mal), e por que motivo as concepções artísticas, teóricas e políticas não deveriam também trocar o caminho tranquilizador do reconhecimento pelo do saber sempre em processo? (SOUZA, 2002: 78).

As migrações, em diferentes contextos no mundo, têm si dado por distantes imposições: político, religiosa, econômico ou cultural que fazem a insistência da manutenção colonial em contexto contemporâneo dos mesmos discursos que fizeram os projetos globais em séculos anteriores. Na página da internet da ONU Brasil – Organização das Nações Unidas Brasil⁷ –, em matéria veiculada no dia 04 de abril do corrente ano, constam uma série de informações acerca do tema “Migrações”. Naquele contexto da página estão mais em evidência, claro, as relações de migrações entre lugares latino-americanos, com destaque para os venezuelanos em relação ao Brasil. As várias matérias veiculadas sobre a temática apresentam desde a situação de saída daqueles cidadãos em busca de melhores lugares, até os exemplos das alternativas já realizadas para melhor recebê-los em contexto brasileiro. Além de apresentar, em algumas delas, as ações governamentais que estão sendo desenvolvidas e lançadas para a acolhida daqueles migrantes venezuelanos.

Mas a questão que mais vai me interessar daquela página da ONU Brasil é, por ora, observar em que medida as migrações estão sendo tratadas como motivos para a (re)tomada do controle global da Venezuela, ou de fato como amparo daqueles indivíduos que, na pior das hipóteses, buscam por um lugar melhor graças à vitimização que lhes é causada pela necessidade de manutenção de poderes: para o bem ou para o mal. Logo, a questão nesta seara está em discutir a migração pela ótica da colonização: histórica, em virtude dos processos coloniais dos séculos XVI e XX, europeu e estadunidense, respectivamente, e, contemporânea, por prismas da colonialidade do poder que é a manutenção daqueles processos que buscam a ocidentalização do planeta ao invés da especificidades *biogeográficas* das culturas. O “[...] poder colonial produziu as discriminações sociais que foram posteriormente codificadas como “racial”, “étnica”, “antropológica” ou “nacional” de acordo com os momentos, os agentes e as populações envolvidas” (QUIJANO, 1992: 12)⁸. (Tradução livre minha)

Ainda que Walter D. Mignolo ou Gloria Anzaldúa já tenham ambos

⁷ Cf. https://nacoesunidas.org/?post_type=post&s=Migra%C3%A7%C3%B5es – acesso em: 24 de abril de 2019.

⁸ “Empero, la estructura colonial de poder produjo las discriminaciones sociales que posteriormente fueron codificadas como “raciales”, étnicas, “antropológicas” o “nacionales”, según los momentos, los agentes y las poblaciones implicadas” (QUIJANO, 1992: 12).

argumentado que *epistemologias fronterizas* devem ser a melhor alternativa para tratarmos de produções diversas dos lugares periféricos (teórica, crítica, artística, discursiva e cultural) proponho pensar a produção em Artes Visuais de lugares com essa natureza histórica, tomando possivelmente de uma ideia de atual contexto de “tempos de crises” diversas, a partir de paisagens *biogeográficas* fronteiriça como *outra* proposta epistemológica que leva em conta, por exemplo, o *bios* do sujeito e o *lócus* geográfico de enunciação (crítico, teórico, artístico, dos *discursus*, das produções do conhecimento e cultural), bem como as múltiplas possibilidades de grafias, como narrativas, que erigem a partir dessas situações em *trânsitos*.⁹ Ainda que pese que digam que “nunca” tivemos produções artísticas, neste primeiro momento, fora de contextos de crises ou mesmo que qualquer ideia de crise já me parece soar um pensamento epistemológico de características eminentemente modernas;¹⁰ pois crise, para existir, demanda a existência de poderes soberanos – coloniais/imperiais sobre as diferenças –, penso que noções de rupturas, com qualquer ideia de tradição (ainda sim que nos valhamos dos atuais cenários econômicos, sociais, políticos, migratórios e culturais ao redor do mundo), para justificar qualquer noção de crise na contemporaneidade, especialmente artística, apenas corroboram para a *emergência* de uma, ou talvez *outras*, epistemologia de paisagens crítico-*biogeográficas*. Pois,

A retórica da modernidade (da missão cristã desde o século XVI, à missão secular de Civilização, para desenvolvimento e modernização após a 2ª Guerra Mundial) obstruiu — sob sua retórica triunfante de salvação e boa vida para todos — a perpetuação da lógica da colonialidade, ou seja, da apropriação massiva da terra (e hoje dos recursos naturais), a massiva exploração do trabalho (da escravidão aberta do século dezesseis até o século dezoito, para a escravidão disfarçada até o século vinte e um) e a dispensabilidade de vidas humanas desde a matança massiva de pessoas nos domínios Inca e Asteca até as mais de vinte milhões de pessoas de São Petersburgo à Ucrânia durante a 2ª Guerra Mundial, mortos na chamada Fronteira do Leste (MIGNOLO, 2008: 293-294).

⁹ Outra explicação aqui se faz necessária: não é intenção deste trabalho evidenciar análises objetivas acerca de determinadas práticas artísticas a fim de comprovar um possível método analítico descolonial de produções artísticas excluídas do hall de obras de arte para inscrevê-las neste. Pois, o pensamento fronteiriço *biogeográfico* descolonial “não é um método, mas um caminho, uma maneira de nos refazermos na busca de modos de viver e governar (nós) nos quais não vivamos para trabalhar/produzir/consumir, mas trabalhamos para viver” (MIGNOLO, 2014: 7-8). (Tradução livre minha) “No es un método, sino una vía, un camino para rehacermos en la búsqueda de formas de vivir y de gobernar(nos) en las que no vivamos para trabajar/producir/consumir, sino que trabajemos para con-vivir” (MIGNOLO, 2014: 7-8).

¹⁰ O “nunca”apresentado está para a ideia de que as produções artístico-culturais brasileiras sempre estiveram sob rótulos edificadas também pelos pensamentos moderno e pós-moderno de pensar as práticas das culturas ocidentais.

De tal modo, portanto, temos instaurada na contemporaneidade a colonialidade do poder que ampara a insistência dos poderes hegemônicos – colonial e imperial – pela manutenção dos disfarces, na atualidade, da escola que se volta para o trabalho, das terras que são concentradas em poucas mãos, e do trabalho com fim de possuir: formar nas escolas cada vez mais mão de obra para o mercado das grandes corporações migrantes ou para fins do Estado-Nação; da expansão dos grandes latifúndios em prol da exportação de grãos e carnes para o mundo internacional, enquanto dentro das fronteiras desses lugares milhares passam fome; e, por conseguinte, da implementação, cada vez maior, da ideia de formar o indivíduo sempre querendo cotidianamente mais *querer/ter* do que *querer/ser*.

Portanto, nossa crise de migração mundial está revirando a lógica colonial e imperial e os lugares em situação de colonialidade do poder de ponta cabeça – aqueles nos centros da Europa e/ou dos Estados Unidos, nós nas exterioridades daqueles sistemas. Pois, pensar na migração, nas fronteiras e nos espaços sem levar em consideração a manutenção/constituição de poderes é incorrer na lógica de que a crise se estabelece, na arte, por exemplo, em continuar significando-se apenas, única e exclusivamente pela lógica ainda de um suposto Outro. Quero dizer: tratar a ideia de rupturas, crises, falta de linearidades, desenvolvimentismos e histórias universais em detrimento de histórias locais, é continuar insistindo que os centros estão de braços abertos aos que chegam a fim de auxiliá-los sem nada em troca. Deste prisma, a migração, a fronteira e os espaços estão se re-situando no mundo apenas para manterem-se organizados, da lógica colonial, de mão de obra barata para suprimento ao trabalho escravo *disfarçado*, no domínio das riquezas naturais (petróleo, água, matas, etc) que se encontram em mãos latinas¹¹, para consolidação das grandes corporações alimentícias e, não diferentemente, na empregabilidade do *querer/ter* para manter a circulação da produção dos grandes centros em atividade que desconsidera o *querer/ser*.

Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (BHABHA, 1998: 20).

Já de um prisma descolonial, tomo como ponto de partida para toda a reflexão que se estabelece, meu lócus *biogeográfico* de enunciação que recai no Brasil,

¹¹ A latinidade, neste sentido, está posta para toda a ordem de exclusão *dos* centros no mundo. Quer seja na ideia de América Latina, quer sejam os vários lugares outros que abrigam esses sujeitos das diferenças não-hegemônicas.

mais precisamente no estado do Mato Grosso do Sul que está situado na linha de fronteira geográfica ao sul com o Paraguai e a Bolívia: países de língua espanhola, portanto, ex-colônias espanholas. Já na costa oposta faz divisa nacional com outros cinco estados brasileiros. Lugar que, segundo aquele site da ONU Brasil, tem “boas práticas em políticas migratórias” em desenvolvimento em relação aos venezuelanos. Assim, meu *lócus biogeográfico* enunciativo (crítico, teórico, artístico, dos *discursus*, das produções do conhecimento e cultural) está numa zona fronteiriça epistêmica de ex-colônias espanhola e uma ex-colônia portuguesa: Mato Grosso do Sul (Brasil), Pedro Juan Caballero (Paraguai) e Puerto Suárez (Bolívia). Considerando primeiramente essa posição geográfica “natural” do Estado já se esboça uma questão bastante pertinente a ser debatida, já que levo em conta a ideia de *epistemologias fronterizas* (ANZALDÚA e MIGNOLO): como pensar a produção artístico-cultural – na forma mais ampla do conceito de produções culturais – de um lugar nessas condições geográficas? Do mesmo jeito, num pensamento rápido, é impossível concordarmos que essa produção cultural que emerge desse *lócus* pode ser pensada a partir de uma noção *monotópica* Moderna de produção de arte, de cultura e de conhecimentos. “A necessidade de “desprender-se” de tais ficções naturalizadas pela matriz colonial de poder é a teoria de que o pensamento descolonial se torna um projeto e processo” (MIGNOLO, 2014: 7)¹². (Tradução livre minha)

Assim, do ponto de vista que toma a natureza histórica da região em questão, a América Latina como um todo está inserida na condição de lugar geostórico ex-colonial – de exterioridade ao pensamento moderno –, e é possível dizer que nunca tivemos uma produção cultural – inclui-se aí a produção artística – fora de contextos de crises. Ou seja, a produção da América Latina, se não lida pela ótica europeia e mais recentemente norte-americana, abordada por um discurso crítico que emerge desse *lócus* periférico somente pode ser pensada como uma produção que se deu, dá e se dará não em contexto de crise, mas em contexto contramoderno como produção de arte, de cultura e de conhecimentos. Melhor dizendo: a produção artístico-cultural latino-americana não pode ser pensada agora como produção artística que se dá em tempo de crise apenas na contemporaneidade, vou privilegiar essa noção de produção artística, em detrimento de produção cultural (mas sem abrir mão dessa segunda ideia), para atender de maneira mais clara ao que se pensa de “La Investigación Artística en un Contexto de Crisis” e sobre as migrações, fronteiras e espaços desta ótica artística. Do mesmo jeito não é possível pensar em crise também para outros lugares geostóricos em condições de ex-colônias ou ainda de

¹² “La necesidad de “desprendernos” de tales ficciones naturalizadas por la matriz colonial de poder es la teoría que el pensar descolonial convierte en proyecto y proceso” (MIGNOLO, 2014: 7).

colônias, pois, se existe uma crise atual (penso sem tomar como referência apenas ideias de crises em “los niveles, económico, político, educativo, cultural y en definitiva de nuestro modelo social”) esta não é apenas cultural, mas o é uma crise de manutenção e soberania dos poderes hegemônicos instituídos historicamente pelos discursos modernos em contextos contemporâneos.

Mais tarde, especialmente a partir de meados do século XIX e apesar da continuada evolução da mundialização do capitalismo, foi saindo da perspectiva hegemônica da percepção da totalidade mundial do poder capitalista e do seu longo tempo de reprodução, mudança e crise. O lugar do capitalismo mundial foi ocupado pelo Estado-nação e pelas relações entre Estados-nação, não só como unidade de análise mas como único enfoque válido do conhecimento sobre o capitalismo. Não só no liberalismo, mas também no chamado materialismo histórico, a mais difundida e a mais eurocêntrica das vertentes derivadas da heterogênea herança de Marx.

A revolta intelectual contra essa perspectiva e contra esse modo eurocentrista de produzir conhecimento nunca esteve exactamente ausente, particularmente na América Latina (QUIJANO, 2009: 75).

Não existe crise na produção artística latino-americana. Pois essa produção sempre se deu em zona de conflitos fronteiriços, geográficos e do poder, ai sim encampam as produções artísticas e teóricas no contexto latino. A atual situação em que se coloca a produção artística dos lugares periféricos como a América Latina é a de reposicionamentos históricos, discursivos, artísticos, teóricos e críticos, igualmente geográficos e políticos. Para o bem ou para o mal, o discurso hegemônico europeu ou norte-americano, que por muito tempo imperou para e sobre as produções da América Latina (ainda é possível dizer que impera em muitos locais dentro dessas próprias ex-colônias, mas sobre isso abordo para refletir mais a frente), vem sofrendo com a crise da perda de poder de “centro do mundo” ou o de única estética (Moderna) a ser seguida. Os países que sempre foram reconhecidos como terceiro-mundistas (latinos ou de exterioridade) agora estão colocando em cheque os poderes homogeneizantes (Europa e Estados Unidos), através da adoção de epistemológicas *outras* periféricas (fronterizas), para recontar suas histórias locais como contranarrativas globais, valendo-se, portando, da condição de sujeitos com consciências subalternas e descoloniais: da situação histórica de submissão aos discursos, especialmente crítico e artístico, europeus e norte-americanos, para instauração no globo terrestre de outros *loci* geográficos e históricos enunciativos de produção do conhecimento e artístico *outras* e, logicamente a partir de um corpo *outro*.

Na convicção de que tanto geo como corpo-politicamente nosso lugar no mundo foi construído a partir da imposição da relação eurocêntrica em aceitar papéis se-

cundários, dependente e dominado impostos pelo poder colonial, pensar de fora deste paradigma demanda imediatamente a questão de *como fazer* a partir dos diferentes papéis que cada pessoa desempenha na vida social para conseguir o desprendimento (PALERMO, 214: 15)¹³. (Tradução livre minha)

Torna-se óbvio, portanto, que também a crise de migração, igualmente a emergência de fronteiras em espaços diversos – geográficos e epistemológicos – é uma crescente da ótica dos lugares que sempre dominaram o poder colonial e/ou imperial. O que não passa despercebido também pela vista do oprimido. Quer seja pela manutenção desses nos lugares excluídos do/pelo sistema universal de mundo, quer seja pela noção de que nenhum governo ditatorial também impede a saída em debandada dos indivíduos em busca de melhores condições de vida para os restos de suas vidas. Assim, falar de migração, fronteiras e espaços, bem como de produção artística em contexto latino-americano, o que não deve ser pensado para outros contextos globais da mesma forma, mas serve como alerta, é levar em consideração diferentes vertentes pelas quais buscam ou são impostos aos sujeitos das diferenças coloniais em trânsito pelo planeta. Não estou amenizando as várias manchetes catárticas que circulam cotidianamente sobre o tema da migração, mas estou ampliando a interpretação dessa imposição posta, mais uma vez, aos sujeitos da colonialidade, agora dos poderes, de condição de exterioridade.

Talvez o que tenho tentado argumentar aqui é que as migrações agora estão favorecendo a emergência de fronteiras *outras* nos espaços que estão se reconstituindo pela lógica da exterioridade. Ou seja, ainda que possa parecer contraditório, falar de emergência de determinadas fronteiras, por exemplo, na arte da atualidade, é ressaltar que essa produção periférica por imposição em relação à ciência moderna está ocupando “entre-lugares” (BHABHA, 1998) que a modernidade/colonialidade não logra ocupar por desconhecimento/desconsideração. Portanto, essa produção emergente entre esses espaços contraditórios é providência de separação do pensamento moderno/pós-moderno, mas o é aproximação dos múltiplos corpos da exterioridade que circulam nas fronteiras. Por força maior, estariam emergindo as *identidades em políticas* (Mignolo) que reforçam as contranções de que o mundo é habitado por uma raça, gênero e classe, do lado de cima – ao Norte – e por outras que não são consideradas as melhores raças, gêneros e classes ao Sul, por conseguinte no lado de baixo, sob as ordens de quem está em cima. Ou seja, é possível dizer

¹³ “En la convicción de que tanto geo como corropolíticamente nuestro lugar en el mundo se construyó desde la imposición de la ratio eurocentrada en la aceptación del rol secundario, dependiente y dominado impuesto por el poder colonial, pensar desde fuera de tal paradigma demanda de inmediato la pregunta del *cómo hacer* desde los distintos roles que cada quien juega en la vida social para alcanzar el des-prendimiento” (PALERMO, 214: 15).

que os migrantes podem oferecer uma reconfiguração aos lugares, dos centros e das margens, que a colonialidade ou o imperialismo barraram e que a colonialidade do poder insiste em barrar. Uma vez que

No decurso da evolução dessas características do poder actual foram-se configurando novas identidades sociais da colonialidade – *índios, negros, azeitonados, amarelos, brancos, mestiços* – e as geoculturais do colonialismo, como *América, África, Extremo Oriente, Próximo Oriente* (as suas últimas, mais tarde, *Ásia*), *Ocidente* ou *Europa* (Europa Ocidental, depois) (QUIJANO, 2009: 74).

Culturas que agora, por debandadas em conjunto, estão em revanche migrando dos espaços da exclusão para os territórios que os excluíram. Ainda que correndo sérios riscos de continuarem às margens dentro desses espaços que edificam fronteiras às diferenças alheias. Ou mesmo sabendo que é chegada a hora e a vez do que também é da ordem do exterior, pois a colonialidade do poder insiste em manter a noção de que viver para ter é muito melhor que viver em busca de ser.

Nesse novo contexto, estão hoje activos outros componentes do debate latino-americano que apontam para uma nova ideia da totalidade histórico-social, núcleo de uma racionalidade não-eurocêntrica. Principalmente, as propostas sobre a colonialidade do poder e sobre a heterogeneidade histórico-estrutural de todos os mundos de existência social (QUIJANO, 2009: 76).

Nesta emergência de novos *loci* enunciativos de produção do conhecimento e artístico insiro Mato Grosso do Sul que tem, a contragosto do poder do Estado e do poder da crítica moderna ainda por aqui arraigada, grupos de intelectuais que estão repaginando a história “natural” do lugar. Neste último caso aí sim podemos falar em crise da produção artística e do conhecimento em Mato Grosso do Sul. Igualmente poderíamos falar de uma crise identitária entre os sujeitos que migram para lugares que não recebem. Mas uma crise que tem um poder homogeneizante de características eminentemente modernas que tem raízes profundas na produção artística e crítica do Estado (desde a sua criação (1977)) que tenta a todo custo impedir a proliferação de um discurso crítico e artístico antimoderno. Estabelecendo sempre os mesmos grupos (artísticos e críticos – se é que podemos atribuí-los essas alcunhas) como detentores do poder de produtores artístico e do conhecimento – patrocinados pelo Estado –, poder homogeneizante dessa crítica e artistas que se estabelece com muita força e os discursos contramodernos precisam abrir *fissuras* para se colocarem enquanto tais. Ou ainda poderíamos falar de uma desfronteira

que emerge extinguindo-se enquanto se-pa-ra-ção¹⁴ *do lado de fora criada a partir de dentro*. Dessa ótica é a única que podemos pensar em tempos de crises na produção artística local: uma crise que se constitui no embate entre a continuidade insistente da modernidade/colonialidade e a descontinuidade contramoderna (discurso colonial X *discurus descoloniais*) para pensar as produções artísticas dos lugares periféricos.

A teoria do pensamento da borda [destituição de fronteira] surgiu como uma resposta à violência (emergência de fronteiras), da epistemologia imperial/territorial e da retórica da modernidade (e da globalização) da salvação, que continuam a ser implementados hoje porque se presume a inferioridade do Outro ou suas más intenções e, portanto, continua a justificar a opressão, a exploração e a destruição da diferença. O pensamento da borda é a epistemologia de exterioridade, ou seja, do lado de fora criada a partir de dentro, e como tal, é sempre um projeto descolonial. As imigrações recentes para lugares do império na Europa e Estados Unidos – cruzando as diferenças entre o colonial e imperial – contribuem para manter as condições de pensamento das bordas que emergiram desde o início da expansão da pureza imperial moderna (MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2009: 2)¹⁵. (Tradução livre minha)

Quer dizer, os que migram, se não são recusados pelos estados-nações aonde chegam, como bem quer dizer a ONU, acabam por ser absorvidos e enredados em narrativas de continuidades da construção de uma identidade plena que, no caso de MS, vão corroborar a ideia de estado estável ou da noção que promove a salvação por meio de políticas identitárias. Quando na verdade e na maioria das vezes, sabemos e vemos isso diuturnamente, esses migrantes estão sendo devolvidos como mercadorias estragadas aos seus pontos de origens ao chegarem a alguns lugares que se constituíram como colonizadores históricos e contemporâneos – Europa e Estados Unidos – e, logo, em lugares das margens também, caso do Brasil, são tratados por uma outra lógica de poder em estabelecimento. O poder da colonialidade do poder e da ocidentalização das exterioridades a fim de ampliação de sua opressão

¹⁴ Pensei nessa desfronteira com uma espécie de emergência das diferenças coloniais que passam a se estabelecer em situação exterior-confortável ainda que de dentro das exclusividades eurocentradas.

¹⁵ La teoría del pensamiento desde el borde emergió desde y como una respuesta a la violencia (fronteras) de la epistemología imperial/territorial y de la retórica de la modernidad (y globalización) de salvación que continúa siendo implementada hoy porque se asume la inferioridad del Otro o sus maléficas intenciones y, por tanto, se continua justificando la opresión, la explotación y la destrucción de la diferencia. El pensamiento desde el borde es la epistemología de la exterioridad, esto es, del afuera creado desde adentro y como tal es siempre un proyecto des colonial. Las inmigraciones recientes a lugares del imperio de Europa y Estados Unidos- cruzando las diferencias coloniales e imperiales- contribuyen a mantener las condiciones del pensamiento desde borde que emergió desde el puro comienzo de la expansión imperial moderna. (MIGNOLO: 2009, p. 2).

(ainda que como oprimido) sobre o mais ainda que oprimido que está em estado de transladação.

E a identidade em política é relevante não somente porque a política de identidade permeia, como acabei de sugerir, todo o espectro das identidades sociais, mas porque o controle da política de identidade reside, principalmente, na construção de uma identidade que não se parece como tal, mas como a aparência “natural” do mundo (MIGNOLO, 2008: 289).

O tempo crítico do presente, melhor dizendo, cultural, não comporta noções binárias para satisfação de leitor ou da leitura das produções culturais do mundo todo. Apenas a “teoria do pensamento das bordas”¹⁶, para fazer uma alusão ao texto de Mignolo, pode constituir alterações no pensamento europeu hegemônico que institui crises para justificar as suas atuais perdas do poder. O estabelecimento de epistemologias que emergem das margens/*margenes* (fronteiras, bordas, limites, lugares periféricos, latinos, do Sul etc) constitui outra visada teórico-crítica como produção de um conhecimento capaz de compreender muito melhor as produções e práticas artísticas desses lugares que sempre foram relegados pelos discursos hegemônicos históricos aos *confins do mundo*. Como também diria Walter D. Mignolo, não é *outra* com sentido de depois ou como continuidade de ideias anteriores, mas epistemologia *outra* que apresenta forma *outra*, contrária se necessário for, de contar epistemologicamente as histórias locais livres dos enredos sempre predominantes dos discursos e narrativas globais. Assim, considerando vez outra a *identidade em política*, também é a vez de ver as migrações como opção descolonial *biogeográfica* – *bio*-sujeito, *geo*-espaço, *gráfica*-narrativas – sendo reconstruídas pelas próprias *corpo-políticas* em situação de transculturação. Pois, desse ponto, vislumbro os muitos deslocamentos também como a luta de retomada dos espaços e fronteiras dos quais muitos desses migrantes foram/são banidos pelas histórias (globais) de colonização. Logo,

[...] a identidade em política é crucial para a opção descolonial, uma vez que, sem a construção de teorias políticas e a organização de ações políticas fundamentadas em identidades que foram alocadas (por exemplo, não havia índios nos continentes americanos até a chegada dos espanhóis; e não havia negros até o começo do co-

¹⁶ Fiz a opção agora de manter o termo “borda” utilizado por Walter D. Mignolo em seu texto, mesmo na tradução livre que faço, pois, assim, parece ficar mais fácil a compreensão para o leitor de línguas não brasileiras. Mas cabe dizer que a ideia é totalmente voltada para pensar a fronteira, tanto geográfica quanto epistêmico-cultural que delinea o estado do Mato Grosso do Sul e suas produções artísticas e culturais em relação ao Brasil e aos países internacionais. Num contexto histórico atual em que a modernidade “é” passado, já que persiste através da colonialidade do poder, mas num contemporâneo em que as colonizações dão-se claramente por meio das migrações.

mércio massivo de escravos no Atlântico) por discursos imperiais (nas seis línguas da modernidade européia – inglês, francês e alemão após o Iluminismo; e italiano, espanhol e português durante o Renascimento), pode não ser possível desnaturalizar a construção racial e imperial da identidade no mundo moderno em uma economia capitalista (MIGNOLO, 2008: 289). (Grifo do autor)

As histórias do meu próprio *bios* e do meu lócus geográfico de enunciação e das narrativas artísticas desse espaço *entre-fronteiras*, Mato Grosso do Sul, por exemplo, passam por “crises” atuais que discursos modernos não compreenderiam. Na atualidade cultural do lugar ao Centro-Oeste do Brasil o cenário é de guerras entre indígenas e brancos em defesa de posses de terras.¹⁷ E as produções culturais estão como entendo que sempre estiveram, inseridas nessa disputa. No entanto, como disse antes, um discurso crítico e artístico modernos que ainda imperam nesse arrabalde do mundo prefere fazer vistas grossas para o que acontece no contexto brasileiro.¹⁸ Como contradiscurso do poder, indígenas impõem mudanças na repartida de direitos sobre as terras (nas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste do Brasil, particularmente falo do estado de Mato Grosso do Sul onde as migrações do campo para as áreas urbanas dão-se cada vez mais para lutar pela manutenção do espaço da/na terra, e a divisão de terra é injusta. Muita terra na mão de poucos e muitos famigerados sem nenhum pedaço para plantar o que comer), que surgiu de dentro do poder que mal e falsamente os ampararam de maneira insuficiente na sociedade preconceituosa branca, machista, elitista, de senhores e moderna – com falsas práticas de políticas de identidade, como ressaltado antes –, como impõem também, outros lugares, ainda que como discurso subalterno, nessa sociedade do pré-concebido pelos discursos históricos e da história: “As identidades construídas pelos discursos europeus modernos eram raciais (isto é, a matriz racial colonial) e patriarcais” (MIGNOLO, 2008: 289-290). Essas questões últimas evidenciam que os atravessamentos (impositivos) ainda são os que dominam as cenas em lugares da

¹⁷ Nesta situação, em MS, o indígena fica situado de um lado e os fazendeiros do outro da linha “imaginária” que separa com muita realidade as situações políticas, religiosas, econômicas ou culturais das duas culturas. Por um lado o estado-nação defende o uso exagerado do agronegócio(tóxico) para enriquecer-se, por outro as famílias indígenas lutam pelo direito à terra e ao direito de conviverem com a natureza. Logo, é muito evidente para quem vive em situação de fronteiras étnico-econômico-culturais a evidência do que a se-pa-ra-ção de deveres e direitos provoca.

¹⁸ É-me muito evidente que uma produção artístico-cultural que se quer representante do local não deva ater-se exclusivamente às benesses e esquecer as mazelas. Nem mesmo somente vice-versa. A questão que me faz suscitar esta perspectiva tem, por princípio, evidenciar que nem a ideia de narrativas universais contemplou tais histórias locais e menos ainda os lugares em condição de subalternidade dão importância às suas próprias especificidades *biogeográficas*; haja vista que esses últimos preferem inscrever-se na ideia de que contemplaram as diferenças locais ao copiar os modelos (arte brasileira colonial), ao devorar os modelos (arte moderna brasileira) ou porque superaram ao modelo (arte contemporânea brasileira). Assim, me parece que a arte brasileira sempre tratou de

exterioridade a tudo: ao estado-nação e às corporações privadas.

Neste entreposto dos discursos – colônia e império – as fronteiras que delimitam as bordas entre o que está de fora e o que deve manter-se dentro, movem-se em direções que provocam a instauração das crises que, para os discursos hegemônicos europeus ou estadunidenses, estão provocando crises econômicas, políticas, sociais, migratórias e culturais. Mas, na ótica dos ex-colonos, subalternos e periféricos, que sempre tiveram relegados as sobras, trata-se de reposicionamento das culturas e, por conseguinte, das produções culturais. O discurso artístico europeu, por exemplo, já não nos serve como escolas ou estilos a serem seguidos. A grande narrativa não está ou nunca esteve em crise pela ótica subalterna pós-colonial. O fato é que ela não existe se pensadas as histórias locais como únicas narrativas que engendram e são engendradas as/pelas produções culturais locais. Pois é o *bios* de cada sujeito que corrobora compreensão e “conhecimento” da produção artística com sua condição cultural ou social. Como bem salientou Mignolo na passagem aposta, são os próprios imigrantes, ou a migração dos que foram alojados às zonas fronteiriças dos *loci* geográficos e históricos instituídos pelo poder hegemônico e historicamente continuam consagrados que agora provocam rupturas, mas não crise, no mesmo discurso homogeneizante dos impérios históricos. Assim, na esteira de Mignolo,

Pretendo substituir a geo- e a política de Estado de conhecimento de seu fundamento na história imperial do Ocidente dos últimos cinco séculos, pela geo-política e a política de Estado de pessoas, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos, subjetividades, etc., que foram racializadas (ou seja, sua óbvia humanidade foi negada). Dessa maneira, por “Ocidente” eu não quero me referir à geografia por si só, mas à geopolítica do conhecimento. Conseqüentemente, a opção descolonial significa, entre outras coisas, *aprender a desaprender* (como tem sido claramente articulado no projeto de aprendizagem Amawtay Wasi, voltarei a isso), já que nossos (um vasto número de pessoas ao redor do planeta) cérebros tinham sido programados pela razão imperial/colonial (MIGNOLO, 2008: 290).

Por exemplo, a produção artística de Mato Grosso do Sul que se dá nesse entreposto *fronterizo*, no limiar das cidades que têm *bordas* divisionistas geográficas com os países internacionais que mencionei, no caso da pintura que tenho trabalhado mais de perto (mas penso nas produções de Artes Visuais quase que de modo geral), estão tendo como pano de fundo paisagens biográficas e geoculturais extradiscursos hegemônicos estatais. Já que pensados pelas bordas essas produções têm visibili-

uma narrativa aquém às suas especificidades *biogeográficas* porque esteve sempre em vias com um modelo!

dades outras, e se por um lado o poder público apoia sua promoção em favor de uma identidade forjada na política, por outro, os discursos críticos, que poderiam evidenciá-las enquanto contradiscursos do poder, também tendo o Estado-nação como único promotor, silenciam o grito subalterno dessas produções em favor de seus pares políticos. Dessa ótica do poder, é a natureza geográfica exuberante, as relações exóticas com essa natureza e os sujeitos que a habitam como diferentes/divergentes que são exaltados nas produções artísticas locais pela crítica letrada formada, quase sempre, pelos discursos e produção do conhecimento europeus. “Natureza, a tela e a paisagem” com um olhar romântico, moderno e binário é a única conjuntura analítico-estética que move esse discurso pré-conceituoso e arcaico da crítica de arte sul-mato-grossense.

Do mesmo jeito, haitianos e venezuelanos que estão migrando agora e até indígenas e alguns paraguaios e bolivianos que já viviam, no caso desses últimos, entre as fronteiras erguidas nos espaços locais do Estado-Nação e crítico-cultural, são *ex-postos* nas “beiras” da cidade grande (capital) em situações de aglomeração dos diferentes como divergências aos sistemas de colonialidade do poder. Esses estão, na grande maioria dos casos, sendo tomados como mão de obra para trabalhos braçais dispensados pelos brasileiros que não se veem em situação de colonização; ou estão sendo tratados à ponta pés por um sistema político atual da repulsa ao estrangeiro de gênero, raça e classe não dominantes: da diferença colonial. Ao contrário do que ocorre, por exemplo, na abertura turística sem nenhum preceito da dúvida, em relação aos cidadãos do bem – branco, hétero-fálicos, europeus e/ou estadunidenses – na ótica de ocidentalização/globalização/mundialização econômico-político-artístico-teórico-crítico-cultural das políticas vigentes. “Concordo que hoje não há algo fora do sistema; mas há muitas *exterioridades*, quer dizer, o *exterior construído a partir do interior para limpar e manter seu espaço imperial*” (MIGNOLO, 2008: 291).

Mas já por outro ponto de vista percebe-se a instauração de crises que o discurso moderno não consegue contemplar, nessa mesma direção as fronteiras são diluídas e os pensamentos crítico, teórico, artístico e cultural são postos como propostas epistemológicas *outras* para essa produção e discursos. O discurso da margem é tomado para pensá-la enquanto produtora do conhecimento, mas sem relações dicotômicas ou binárias e mesmo de assistencialismos entre centros ou periferias, sem romantismo ou em busca de estilos estéticos continuístas. Esse contradiscurso moderno mostra as margens no centro dos debates. Esse mesmo ponto de vista epistêmico evidencia ainda, na produção artística de lócus ou *entre-lugar* (SANTIAGO, 2000) de discurso *descolonial* (MIGNOLO, 2003) um pensamento artístico como também crítico que barra o discurso do poder local ou também a narrativa

hegemônica do poder global. Se a globalização/desenvolvimento é sinônimo de horizontalidade das diferenças para o capital, nas periferias *fronterizas* (ANZALDÚA, 2007) essa ainda se dá numa verticalidade laboral e homogeneizante do/pelo poder Global. Se as formas estão na Natureza como prefiro pensar, não é possível conceber que apenas a História de uma arte global seja digna de poder de estabelecimento de formas e parâmetros – sejam elas artísticas ou não – para os/as diferenças locais do planeta.

É chegada a hora de “identidades *em* política”, por certo, não mais e basta por ora de políticas de identidades que nunca contemplaram de fato as diferenças culturais; essas apenas e só fizeram ressaltar os sujeitos diferentes e divergentes das culturas do poder. Essa última, quase sempre europeia (francesa, inglesa, português, espanhola, italiana) quando pensamos no discurso colono, ou mais recentemente americana ao norte quando tomamos como discurso do poder o capitalismo desenvolvimentista. As políticas de diferenças identitárias nunca observaram as diferenças *em* políticas dentre os sujeitos que são diferentes.

Também o artista subalterno não foge à regra: produz a partir da condição na qual se encontra, quer tenha consciência disso ou não. *A consciência subalterna* fala por sua obra. [...]. Logo, neste caso em particular, compete à teorização pós-subalterna reinsserir a “produção bugresca” na história local (e mundial) e, por conseguinte, desreprimir (Mignolo), tirar a tarja imposta pela estética da razão moderna, com seu desejo arcaico de civilizar o outro, de pensar teoricamente pelo bárbaro. A teorização pós-subalterna, por pensar da fronteira e sob a perspectiva da subalternidade (Mignolo), radicaliza com o conceito moderno de teoria e suas formas abstratas e universalizantes. A estética moderna é a abstração por excelência (NOLASCO, 2013: 12-13).

Agora não adoto a produção bugresca local como estética para a América Latina como defendo para a produção sul-mato-grossense (BESSA-OLIVEIRA, 2016), mas como uma das condições pós-subalternas (NOLASCO) para compreensão das produções locais; tanto do conhecimento quanto artísticas. Uma noção epistêmica que emerge da fronteira não só geográfica para a fronteira, mas *biogeográfica* epistêmica fronteiriça e cultural, ou seja, biocrítico-cultural que tem, por condição das imposições histórico-culturais dos discursos consagrados, a atenção do sujeito local e a condição do lócus geográfico de enunciação e pós-colonizado. Tomados dessa condição de epistemologia de *fronteras subalternas* (NOLASCO), não fronteiras geográficas histórico-naturais, os sujeitos e lugares já fixados ou em trânsitos podem narrar suas histórias locais que nunca foram privilegiadas pelos discursos dos lugares que ocupam os “centros do mundo”; tanto na esfera global, quanto na nacional.

Logo, Mato Grosso do Sul apenas tem lugar no mapa cartográfico da América Latina, para uma crítica ainda assentada na teorização moderna, assim como toda a América Latina tem para a Europa e os Estados Unidos, numa condição de objeto passível de análise e sempre baseadas naquelas produções do conhecimento que partem de lá para cá: talvez mantendo ou tentando manter a lógica dos mesmos percursos feitos pelas caravelas e ideias das supostas e grandes “descobertas” mundiais de que o bem sempre vem do além mar, assim como as teorias, os conhecimentos e os salvadores vieram.

Os critérios não mencionados para o valor das vidas humanas são um óbvio sinal (de uma interpretação descolonial) de política escondida de identidade imperial: quer dizer, o valor de vidas humanas a qual pertence a vida do enunciador, se torna uma vara de medida para avaliar outras vidas humanas que não têm opção intelectual e poder institucional para contar a história e classificar os eventos de acordo com uma classificação de vidas humanas: ou seja, de acordo com uma classificação racista (MIGNOLO, 2008: 294).

Essa “crise” que se constitui na imposição de epistemologia *outra* em relação aos poderes hegemônicos coloca toda uma suposta história mundial em cheque; mais precisamente, põe em evidência o que os discursos imperantes sempre preferiram escamotear: pretos, pobres, indígenas, diferenças, mulheres, marginais, homossexuais e é contra as atitudes de concepções modernas que são aclaradas à luz de novas fórmulas de pensamentos emergidos de dentro desses grupos epistêmicos *fronterizos*. Portanto, do ponto de vista fronteiriço subalterno não há crise que não seja a descontinuidade do pensamento hegemônico. Mas é instauração de uma nova ordem mundial que pretende alterar a ideia de que o centro é o norte; o sul é a periferia ou o extracentro e de que para pensar o sul ou temos sempre que mirar o norte ou atravessar o Atlântico. Do mesmo modo, a migração em grandes massas em diferentes contextos globais está reordenando a lógica, para o bem ou para o mal de alguns ocidentalistas, do mundo binário de fronteiras que separam nos espaços em situação evidente até “ontem”. Já dissera em outro momento, mas cabe repetir: ao olhar para dentro em Mato Grosso do Sul vê-se ainda melhor o que está para o lado de fora. Fronteiras geográficas e as culturais, igualmente as fronteiras biográficas estão ali cercando a costa norte-sul do Estado – paraguaios, bolivianos e brasileiros (brasiguaios, brasilianos) dos interstícios e intersecções culturais que mapeiam os dois lados das fronteiras epistemológicas dessa cartografia marginal. Uma crítica dos centros (moderna por natureza histórica e hegemônica por natureza discursiva) jamais encamparia esses sujeitos, espaços, fronteiras e as produções culturais que emanam daquele lócus geográfico enunciativo.

Trata-se mais de uma teorização ensaística sem disciplinas, lugar fronteiro por excelência por meio do qual os corpos, os *bios* e os *lócus travessam* e são atravessados por uma teorização conceitual que funda um discurso teórico crítico cuja enunciação esta presa a uma epistemologia fronteira ou descolonial. Nesse caso, o discurso crítico que preside a teorização já se formularia para além das *teorias sin disciplina*.

A saída para uma pesquisa assentada num “fazer científico” cuja teorização é descolonial é, por conseguinte, livrar-se dos fantasmas do cientificismo moderno, é aprender a *desprender-se* das amarras das opções teóricas, estéticas, políticas, conceituais, culturais, filosóficas impostas enquanto “outro” da exterioridade (NOLASCO, 2019: 7-8).

“Opções descoloniais estão mostrando que o caminho para o futuro não pode ser construído das ruínas e memórias da civilização ocidental e de seus aliados internos” (MIGNOLO, 2008: 295). Mais uma vez é possível dizer que essa produção em Artes Visuais de Mato Grosso do Sul no Brasil (teoria, crítica, artística, discursiva e cultural, bem como também pedagógica), que esboça seu grito de dor dos limiares *fronteirzos* do Brasil/Paraguai/Bolívia, não está em “tempos de crises”, mas, podemos dizer de maneira mais abrangente, essa produção cultural das *bordas* está fazendo emergir discursos outros (também nas categorias elencadas antes) que interseccionam, das relações de poder e submissão históricas, para a constituição de vozes do *fim do mundo* que descolonizam os saberes, sentires e o ser. São entrecruzamentos – dos que chegam com os que já aqui se encontram – de sujeitos, fronteiras e espaços, igualmente de produções com proposições nada binárias, muito pelo contrário, como diria Walter D. Mignolo, são produções com duplo sentido consciente que emergem das *fronteras*: por um lado é consciente da existência do poder colonial/imperial e globalizante/desenvolvimentista, mas, de outra oposição, busca ressaltar as histórias locais e as paisagens *biogeográficas* dessa cisão entre os dois lados da linha imaginária das divisas culturais: uma consciência subalterna de produção que está livre de qualquer relação de subordinação com aquele primeiro discurso – europeu e norte-americano – que pregou a exclusão dos que “[...] cuja dignidade foi humilhada, cujos corpos foram usados como força de trabalho” (MIGNOLO, 2008: 296).

[A] dupla consciência e o pensamento da borda e o pensamento a partir das bordas é de dupla consciência. Não pode haver pensamento a partir da borda sem essa dupla consciência. A consciência do império sempre é territorial e monotípica, e o pensamento das bordas são sempre plurotópico e engendrado pela violência e pelas

diferenças coloniais e imperiais (MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2009: 9)¹⁹. (Tradução livre minha)

A perspectiva de uma *dupla consciência* que emerge das fronteiras sul-mato-grossenses desconstrói as paisagens naturais e históricas que alimentam as produções dos discursos modernizantes de paisagem como natureza e constituem paisagens *biogeográficas* que “retratam” o lócus geográfico enunciativo com suas especificidades locais percebidas por cada *bios* dos sujeitos; portanto, variadas possibilidades de interpretações que se ancoram nas (*bio/geo*)grafias dos transeuntes das duas margens fronteiriças são percebidas, divulgadas, recebidas e devolvidas como discursos contranarrativos modernos que (trans)formam paisagens *biogeográficas outras*. As teorias migram, os sujeitos migram, as paisagens são alteradas e as fronteiras, nesse espaço enunciativo que parte da *ferida aberta* (ANZALDÚA, 2007) pelos discursos modernos, que nunca se fecharam, não tomam das teorias migrantes e das paisagens naturais como possibilidades únicas para compreender a produção e o lugar. Igualmente não ancoram suas percepções na migração e na transculturação das diferenças com maus olhos sempre, pois essas estão borrando a limpidez deixada pelo pensamento moderno quando exclui os diferentes. Essa intersecção entre paisagem e teoria, *biogeográficas* e descoloniais, para a produção cultural local, especialmente as das Artes Visuais como tenho proposto, é a epistemologia *outra* e *fronteriza* instaurada como melhor alternativa (crítica, teórica e cultural) por Walter D. Mignolo e Gloria Anzaldúa. “*Es decir, hablar desde los bordes significa re-escribir las fronteras geográficas, las subjetividades imperiales/coloniales y las epistemologías territoriales*” (MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2009: 12-13).

Considerações – migrações como reconstrução de espaços *entre-fronteirAção*

Em que medida então a arte como espaço de *FronteirAção* é um território de aproximação e separação ao mesmo tempo dos múltiplos atravessamentos contemporâneos que circundam as transladações dos sujeitos *biogeográficos*? Ao certo na medida em que observo que a migração não é somente uma questão de exclusão daqueles que chegam, mas de crise para aqueles que sempre si viram na situação de definição em relação aos supostos outros. Por fim, a crise está no ato *biogeográfico*

¹⁹ Doble conciencia es pensamiento desde el borde y pensamiento desde el borde es doble conciencia. No puede haber pensamiento desde el borde sin esa doble conciencia. La conciencia del Imperio siempre es territorial y monotípica, el pensamiento desde el borde es siempre plurotópico y engendrado por la violencia de las diferencias coloniales e imperiales. (Mignolo: 2009, p. 9).

de desaprender o aprendido ao longo dos mais de quinhentos anos de história que as periferias ou zonas de fronteiras têm exercitado como *desobediência epistêmica*. Um exercício de reinventar-se ainda que de dentro da lógica moderna ou pós-moderna persistentes na contemporaneidade. Um de fora que se erige a partir de dentro para evidenciar os atravessamentos catárticos culturais. São crises que podem ser enumeradas nos tempos atuais para a produção artística, mas sem privilegiar uma ideia de crise baseada em tensão na política, na economia, no social ou nas culturas de forma indissociáveis, mas de ruptura com conhecimentos acumulados e grassados na ideia de que são melhores porque estão impostos ao longo da história contada pelo ocidente colonial/imperial para o ocidente ainda colonizado. Como se ambos – latinos e não-latinos – não pertencessem ao mesmo tempo histórico.

É a re-articulação das nações indígenas e a recessão dos mono-tópicos (ou seja, classificação étnica mono-lingüística e religiosa da elite crioula-mestiça da América do Sul, equivalente à elite nacional branca da Europa ocidental e dos EUA) forçando uma transformação radical da equação de uma Nação – um Estado (MIGNOLO, 2008: 297).

Imediatamente, é o exercício de desobedecer ao sempre aprendido e apreendido: que devemos continuar nos *espaços* em que fomos impostos e expostos enquanto sujeitos da exterioridades; de que temos uma identidade estável ou instável que merecem, respectivamente, ser isolados ou excomungados e jamais movimentarem-se pelo mundo de outrem; ou que, na lógica da obediência, devemos permanecer trancafiados dentro dos limites ou fronteiras erigidas pela noção de raça, gênero e classe edificadas na modernidade colonial europeia ou no imperialismo estadunidense de desenvolvimento do mundo igualmente para todos.

Ao certo, precisamos tomar as rédeas da razão descolonial para fazer evidenciar que uma teorização, uma crítica formal ou um saber histórico não sustentam a lógica de compreender a todas as diferenças coloniais que compõem os saberes subalternos, os fazeres, os sentires e os corpos da exterioridade. Assim, as fronteiras são espaços onde as diferenças se aninham porque encontram semelhanças por serem diferentes, nunca pela semelhança. Logo, a fronteira em ação é um lugar de transculturação dessas diferenças que não cessam em fazer evidenciar práticas artístico-culturais que demonstram como o fato de mudar de lado, literalmente, é uma opção, em muitos casos, ainda que por imposições políticas, religiosas, econômicos ou culturais ideológicas que ainda glorificam-se em achar que mandam.

Desvinculada dos fundamentos genuínos/genocidas, a desobediência epistemológica que se propõe/propôs é de precisar que a história não deve continuar ser

contada mais na ótica colonial. A *epistemologia fronteriza* que aqui é proposta, ainda que nem sempre de maneira tranquila, mas saudável, uma desobediência epistêmico-conceitual para pensar as produções e práticas desses lugares com natureza histórica imposta de *bordas*, deve ser tomada como a alternativa de retirar do limbo os sujeitos, lugares e narrativas – as *biogeografias* – da lógica de que “Brancura e teoria política, em outras palavras, são transparentes, neutras e objetivas, enquanto que Cores e teoria política são essencialistas e fundamentalistas” (MIGNOLO, 2008: 297) e, ao certo, ideológicas. Pois, com essa (re)Verificação Epistemológica²⁰ dos pré-conceitos ocidentais históricos, seja para os transeuntes do mundo todo que chegam, seja para os sujeitos que habitam as exterioridades do pensamento moderno e pós-moderno, sejam ainda das práticas culturais que emergem dessa transculturação (im)posta, a *acumulação de conhecimento* é interrompida e o presente cenário de “crises” pode ser pensado por epistemes de (re)verificações dos conhecimentos produzidos no passado histórico para articular os conhecimentos que são demandados pelo atual presente produtivo-cultural. E, apenas assim, poderemos ter relações diferenciais estabelecidas para pensar o futuro tendo sempre em mente uma consciência subalterna, nada inconsciente, de que a colonização é passado, todavia a colonialidade do poder é presente ainda certo. Mas uma consciência do *bios* subalterno dos sujeitos latinos, do geo enquanto espaços que transladam, e das fronteiras emergentes que promovem separação, mas também aproximação que sempre tiveram relegados, pelo discurso histórico, aos *não-lugares* geográficos, geoistóricos e geoculturais ao sul, vão perceber-se em situação de fronteira. Isso, tendo em vista que:

De fato, o que está em recessão é a classificação étnica sobre a qual os estados-nação foram imaginados, desde o início do século XIX até recentemente. O que está em recessão é a *etnia latina* e o que está acelerando e aumentando é o espectro variado dos projetos indígenas e afros, em suas dimensões políticas e epistêmicas (MIGNOLO, 2008: 299).

O que pode ser dito, portanto, que o que coloca em crise a situação na qual nos encontramos é, de fato, a lógica da migração entre as fronteiras para os espaços divergentes dos quais fomos encurralados: do Oriente à América Latina, passando pelo Brasil-São Paulo ao Brasil-Sul-mato-grossense, tendo em vista aquela inicial obser-

²⁰ Essa ideia de (re)Verificação Epistemológica é baseada nas ações e pesquisas críticas que venho desenvolvendo no meu núcleo de pesquisa – NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificação Epistemológica – que propõe (re)Verificar as epistemologias críticas utilizadas para pensar as produções artísticas brasileiras e latino-americanas. Especialmente as ancoradas e em ancoragens em sul-mato-grossense.

vação baseada no site da ONU-Brasil – de que os migrantes estão “até” recebendo assistência de “boas práticas em políticas migratórias” – já que a recessão dá-se pela transladação incontrolada pelas forças dominantes nos atuais contextos *biogeográficos*. Portanto, a opção *descolonial desqualifica* a lógica das políticas identitárias estabelecidas pelas grandes instituições – Estado-Nação e Corporações – que sustentam a manutenção dos poderes coloniais/imperiais. Do mesmo jeito, baseia-se então, a lógica do migrar-se, na possibilidade de recriação de mais diferenças que perturbam inclusive a paz universal que também está baseada na ideia de que o Eu precisa excluir-se dos Outros para manter-se humano.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. *Bordelands/La frontera: the new mestiza*. São Francisco: Aunt Lute Books, 2007.

BHABHA, Homi K.. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 4ª Reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. “*Estética (ou não) bugresca – arte descolonial fronteiriça – paisagens biogeográficas: o que vemos do outro lado da linha que se insinua entre o real e o imaginário*”. In: *Cadernos de Estudos Culturais: Estéticas Periféricas*. Volume 8. Número 16. Jul./Dez.. Editora UFMS, 2016, p. 209-222. Disponível em: <http://seer.ufms.br/index.php/cadec/article/view/4242/0> – acessado em: 10 de abril de 2019.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. “Fronteiras entre ciência e saberes locais: arquiteturas do pensamento utópico”. In: *IX Coloquio Internacional de Geocrítica: LOS PROBLEMAS DEL MUNDO ACTUAL. SOLUCIONES Y ALTERNATIVAS DESDE LA GEOGRAFÍA Y LAS CIENCIAS SOCIALES*. Porto Alegre, 28 de mayo 1 de junio de 2007. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 1-13.

MIGNOLO, Walter D.. *Habitar La frontera: sentir y pensar la descolonialidad* (Antología, 1999-2014). Francisco Carballo y Luis Alfonso Herrera Robles (Prólogo y selección). Barcelona, ES: CIDOB y UACJ, 2015.

MIGNOLO, Walter D.. “Prefacio”. In: PALERMO, Zulma. *Para una pedagogia decolonial*. 1ª ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014. (El desprendimiento / Walter Mignolo), p. 7-9.

MIGNOLO, Walter D.; TLOSTANOVA, Madina. “*Habitar los dos lados de la frontera/teorizar en el cuerpo de esa experiencia*”. In: *Revista IXCHEL*. Volúmen I, San

José, Costa Rica, 2009, p. 1-22. Disponível em: http://www.revistaixchel.org/attachments/047_Habitar%20los%20dos%20lados%20art_%20Walter%20Mignolo.doc%29.pdf – acessado em: 30 de maio de 2013.

MIGNOLO, Walter D.. “*Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*”. Tradução: Ângela Lopes Norte. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, no 34, 2008, p. 287-324. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf> - acessado em: 16 de novembro de 2012.

MIGNOLO, Walter D.. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. (Humanitas).

MIGNOLO, Walter D.. “*Prefacio a la edición castellana – “Un paradigma otro”:* colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico”. In: _____. *Historias locales/ diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Traducción de Juanmari Madariaga, Cristina Veja Solís. 1ª reimpressão, 2011. Madrid – Espanha: Ediciones Akal, S. A., 2003a (p. 19-60).

NOLASCO, Edgar César. “Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplinas”. *Acervo do autor*. Texto no prelo, 2019, p. 1-22.

NOLASCO, Edgar César. “A (des)ordem epistemológica do discurso fronteiriço”. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio; NOLASCO, Edgar César; GUERRA, Vânia Maria Lescano; FREIRE, Zélia R. Nolasco dos S.. (Orgs.). *Fronteiras Platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia): biogeografias na arte, crítica biográfica fronteiriça, discurso indígena e literatura de fronteira*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p. 65-93.

NOLASCO, Edgar César. “Razão pós-subalterna da crítica latina”. In: *Cadernos de Estudos Culturais: Pós-colonialidade*. Volume 5. Número 9. Jan./Jun.. Editora UFMS, 2013, p. 9-22. Disponível em: <http://seer.ufms.br/index.php/cadec/article/view/3494/2761> – acessado em: 15 de março de 2019.

PALERMO, Zulma. *Para una pedagogia decolonial*. 1ª ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014, p. 7-13. (El desprendimento / Walter Mignolo).

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do Poder e Classificação Social”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra, PT: Edições Almedina SA, 2009, p. 73-117.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad y modernidad/racionalidad”. In: *Perú Indígena*. 13, 29, 1992, p. 11-20. Disponível em: <http://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf> - acessado em: 14 de novembro de 2019.

SANTIAGO, Silvano. “O entre-lugar do discurso latino-americano”. In: _____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

Artigo recebido em 16/06/2019, aprovado em 15/11/2019.